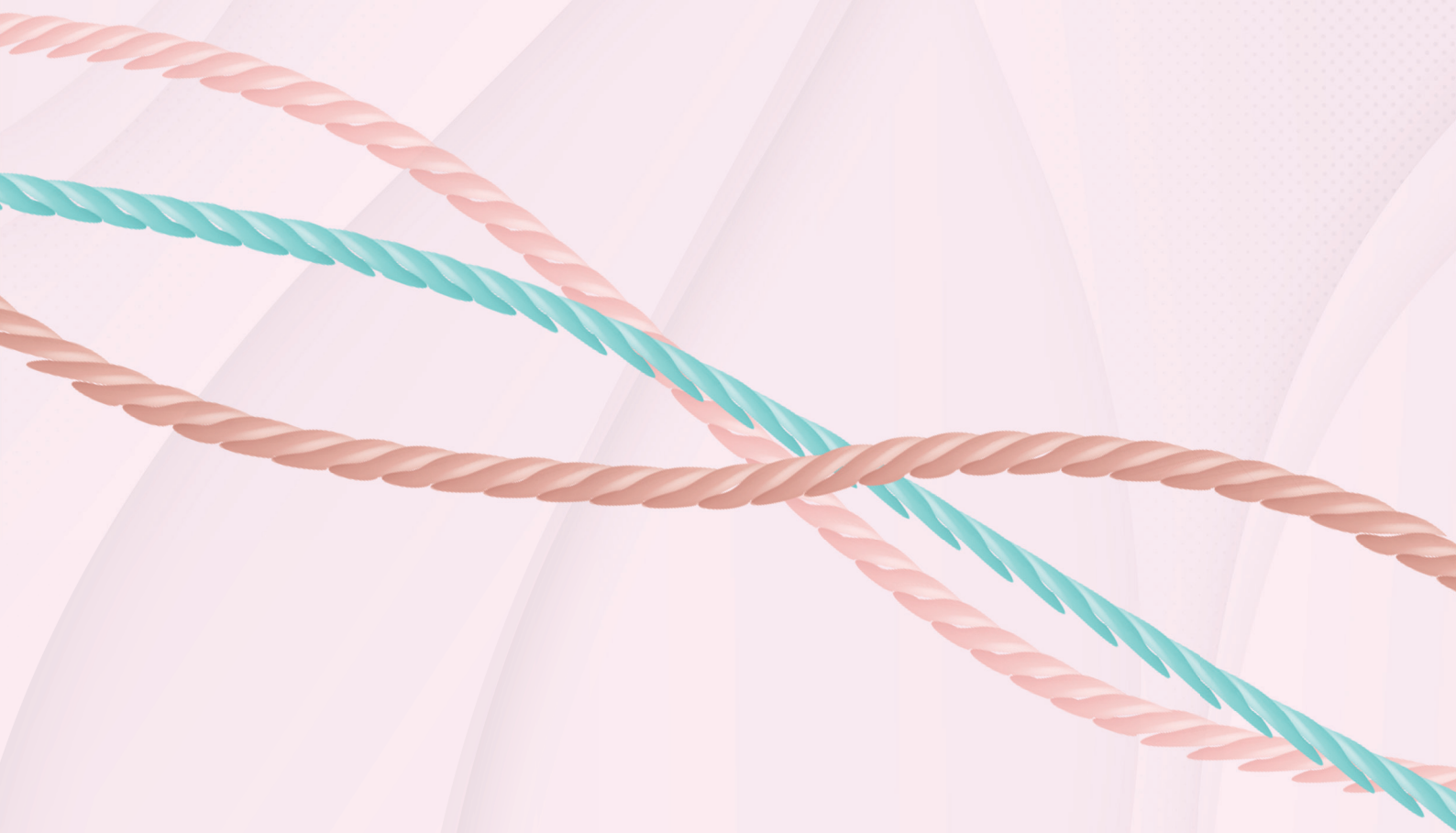
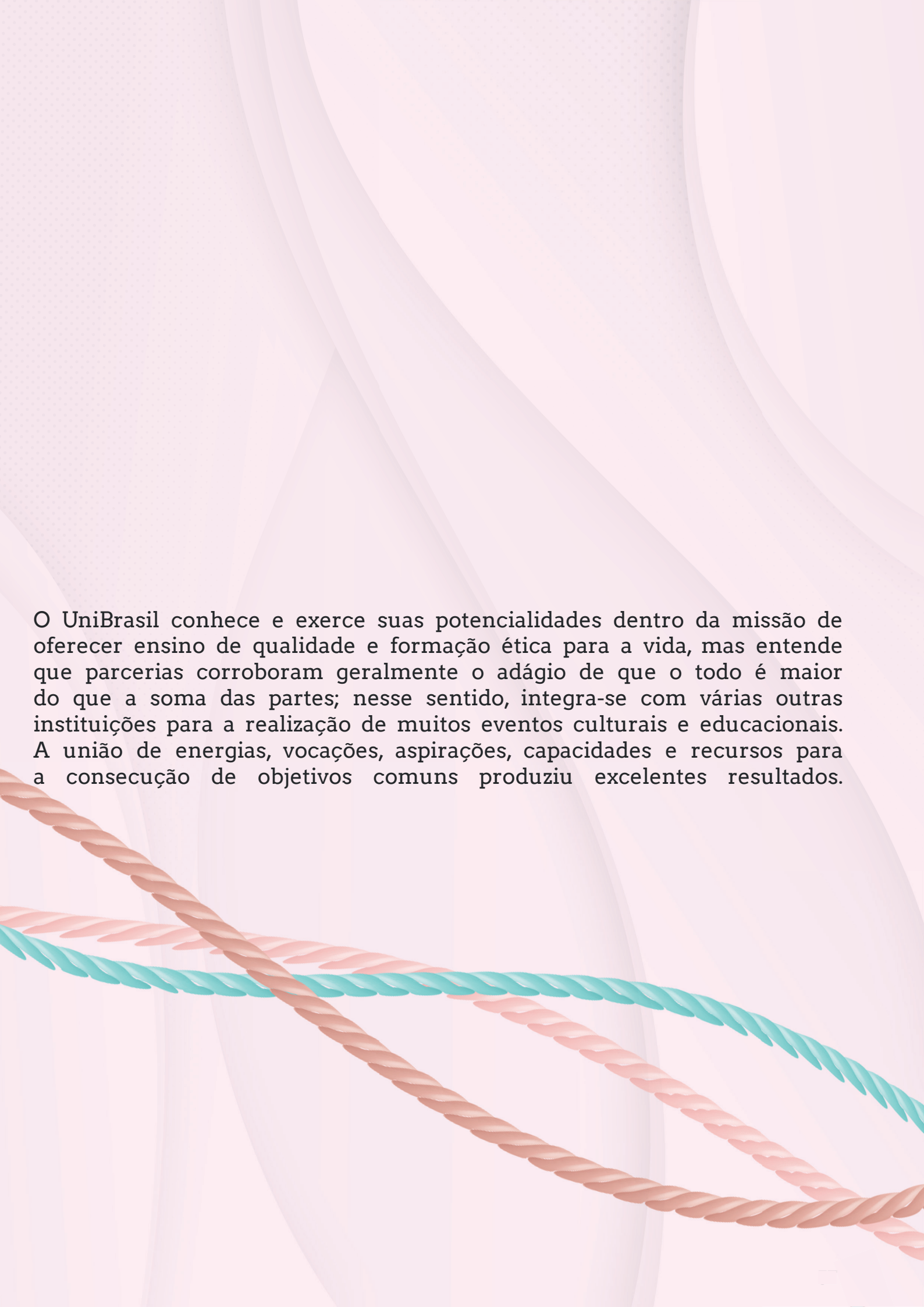


# *Parcerias*



The background features a light, neutral-toned abstract design with soft, flowing, wavy lines. In the lower portion of the image, three thick, braided ropes are visible, two in shades of orange and one in a teal color, crossing each other in a dynamic, overlapping fashion.

O UniBrasil conhece e exerce suas potencialidades dentro da missão de oferecer ensino de qualidade e formação ética para a vida, mas entende que parcerias corroboram geralmente o adágio de que o todo é maior do que a soma das partes; nesse sentido, integra-se com várias outras instituições para a realização de muitos eventos culturais e educacionais. A união de energias, vocações, aspirações, capacidades e recursos para a consecução de objetivos comuns produziu excelentes resultados.

# Cinema e Música - Inseparáveis

## Autores

**Clarice Miranda** - educadora musical, soprano e compositora; membro da Academia de Cultura de Curitiba; solista no Coral da Pró-Música; Octeto da Pró-Música e Madrigal Vocale. Ministra o curso “Desvendando a Música Clássica”, em Curitiba, e no Quartier des Arts, em São Paulo.

**Dalmo Próspero** - administrador, expert em cinema, criador do Cine Treinamento, no qual utiliza filmes em programas de treinamento direcionados a liderança, trabalho em equipe, resistência a mudanças, ética, motivação e aspectos comportamentais. Reconhecido nacionalmente como expert em cinema.

Eu tinha 5 anos de idade quando fui ao cinema pela primeira vez. Meu irmão, que já era adolescente, me levou para assistir “Fantasia” de Walt Disney. Foi uma experiência completamente reveladora e sensorial. Eu não entendia exatamente tudo o que estava vendo na tela, mas fiquei completamente fascinado por aquelas imagens em movimento repletas de cores, sons, magia e música. Lembro que dei risada, me diverti, fiquei com medo e tive muitas emoções contraditórias. Eu nunca tinha visto nada igual e a partir daí meu programa favorito tornou-se ir ao cinema. O que eu via no cinema era melhor e mais bonito que a vida real. Talvez tenha sido por essa experiência tão marcante que sempre associei a música ao cinema, tornando-os inseparáveis.

A música sempre esteve presente no cinema, mesmo durante o período do cinema mudo, quando funcionava como um mero acompanhamento. Nos anos 20 surgiram as primeiras composições escritas especialmente para o filme e, após o advento do som, em 1927, a música (seja ela clássica ou popular) passou a fazer parte da narrativa cinematográfica.

**Filmes com trilhas mais eruditas e filmes com música popular no mundo, diferenças e tipo de público.**

Inicialmente as músicas clássicas foram usadas nos filmes quando se tratava de cinebiografias de compositores clássicos famosos e eventualmente para ilustrar alguma cena específica. Mais tarde, alguns diretores importantes como Ingmar Bergman, Stanley Kubrick, Luchino Visconti, entre outros, passaram a utilizar a música clássica como parte da narrativa cinematográfica. “Persona”, “Gritos e





Sussurros”, “2001: Uma Odisseia no Espaço”, “Laranja Mecânica”, “Morte em Veneza” são alguns exemplos de filmes desses diretores nos quais a música clássica teve essa importância na narrativa. Geralmente esses filmes possuem um caráter mais complexo, são considerados como “filmes de arte” e se destinam a plateias mais intelectualizadas. A música popular (seja ela já conhecida e existente ou composta especialmente para o filme) tem um caráter mais leve e estão presentes em filmes mais populares e de sucesso comercial destinados ao grande público em geral. Muitas dessas canções se tornaram inesquecíveis e indissociáveis dos filmes, como nos casos de “Moon River”, do filme “Bonequinha de Luxo”; “As Time Goes By”, do filme “Casablanca” ou “Over the Rainbow”, do filme “O Mágico de Oz”.

**Filmes com músicas modernas, como rock, jazz e os estilos regionais.**

Em geral filmes destinados a plateias mais jovens costumam utilizar músicas contemporâneas (rock, soul music, rap, etc.) que já fazem parte da vivência desse

tipo de público, da mesma forma que filmes de caráter regional e histórico se utilizam de músicas do estilo local (country, músicas tradicionais de países, etc.). Mesmo filmes com temáticas mais clássicas e tradicionais ou de teor mais dramático e/ou romântico por vezes utilizam músicas populares e contemporâneas para atingir um público maior, como foram os casos de “Amor, Sublime Amor”, “Romeu e Julieta”, “Love Story”, “Titanic” e “Moulin Rouge”, entre outros.

**Muitos dizem que Quentin Tarantino é um mero “colador” de filmes devido às muitas referências presentes em sua obra, supostamente cacoetes adquiridos quando trabalhava em videolocadora. O grande sucesso de seus filmes “redime” isso?**

Há um pouco de verdade nessa afirmativa. Tarantino aprendeu muito sobre cinema vendo muitos filmes de diferentes estilos, gêneros, nacionalidades e qualidade. Sua obra é resultado das diversas influências

que recebeu, porém ele também conseguiu reunir toda essa experiência criando um estilo próprio com muita originalidade e criatividade.

**Críticos como Inácio Araújo não consideram Musicais filmes como “Chicago”, “Moulin Rouge” e até mesmo “Cabaret”, talvez por não seguirem a estrutura dos musicais clássicos dos anos 1930. Procede?**

Certamente esses filmes citados não seguem a estrutura de um filme musical tradicional. São considerados musicais modernos com um conceito narrativo mais inovador, entre os quais eu também incluiria “All That Jazz – O Show Deve Continuar”, “Hair” e “Fame” entre outros. Mas, a meu ver, considero todos como “filmes musicais” pela grande quantidade de sequências musicais existentes e pela forte carga musical presente em suas narrativas.

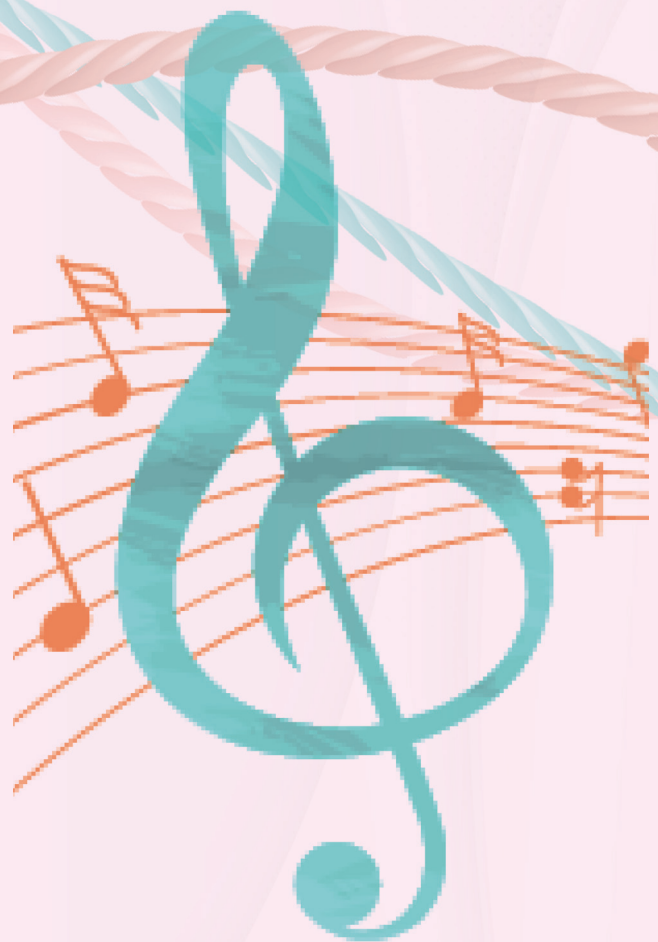
**Há diferença significativa entre a música incidental, que apenas pontua a ação, e aquela que supostamente “constrói a ação”?**

Sim, com certeza há uma grande diferença. Quando a gente fala que a música faz parte da narrativa cinematográfica é porque ela constrói a ação, ou seja, ela tem a função de envolver o espectador de maneira emocional, criando o clima adequado para cada cena do filme.

Nos cinemas dos anos 1950 a 1970 a música fazia parte também do ambiente da sala, antes de começar a sessão havia seleções de “Muzak”, algo intolerável em elevadores mas até bem aceito nos cinemas, até que o bendito gongo em três tons anunciava o início. O sentimento é de que isso contribuía para melhorar o filme, ou é saudosismo?

Nesse período a música na sala de cinema era um pouco mais que uma mera distração. Em geral se tocavam extratos da trilha sonora do filme que seria apresentado. Era uma forma de familiarizar o público com as músicas que seriam ouvidas durante a exibição do filme e, ao mesmo tempo, criar um clima adequado para o que seria visto. Filmes importantes e muito longos como “Ben-Hur”, “Spartacus”, “Lawrence da Arábia”, “Doutor Jivago” e o já citado “2001: Uma Odisseia no Espaço” eram exibidos com intervalo e costumava-se ouvir trechos de sua trilha sonora antes do filme começar e durante o intervalo.

É por tudo isso que considero que música e cinema formam um casamento perfeito. A música é abstrata e quando a ouvimos criamos imagens e sonhamos. A imagem silenciosa pode ser real ou abstrata nos trazendo ideias e percepções. Juntas possuem uma força extraordinária, são inesquecíveis e nos fazem sonhar de olhos abertos.





## Quando a música se tornou imprescindível no cinema?

Mesmo quando os filmes eram mudos, a música sempre esteve presente no cinema, não só compensando a ausência de fala dos personagens e cobrindo o som do projetor da época (que fazia barulho), mas principalmente agregando emoções.

É importante voltarmos um pouco no tempo para entendermos como a música entrou e ficou definitivamente fazendo parte de numerosos filmes. Meu enfoque aqui será especificamente sobre a música clássica.

No início do século XX, com o advento da música atonal, de difícil audição para os não iniciados por não possuir um centro tonal, muitos compositores preferiram ficar compondo no campo tradicional. Toda uma geração de compositores dos anos 1910 e 1920 simplesmente não sabia o que fazer: explorar os rumos do atonalismo ou continuar escrevendo música considerada ultrapassada. Ainda tinham como concorrente na época o comércio fonográfico, no qual a música popular se desenvolveu, deixando elitizado o consumo da música clássica.

O que aconteceu com os compositores que trabalhavam em uma linha conservadora? Foram todos para o cinema! O cinema começou então com alta qualidade musical.

A música passou da descrição da natureza (lembrar das Quatro Estações, de Vivaldi) para contar uma história e acabou fazendo, também, a descrição do sentimento dos personagens envolvidos. Uma lenta evolução levou o cinema a encontrar uma forma ideal de utilizar o som de duas maneiras: como elemento climático e como foco de ação. Charles Chaplin foi o primeiro dos diretores nos Estados Unidos a sentir a necessidade de uma adequação mais precisa da música à imagem projetada, não querendo depender

do senso estético dos pianistas em cada projeção em que eram tocadas músicas de forma aleatória e individualizadas, clássicas e populares. Chaplin passou, então, a compor, ele mesmo, partituras para acompanhar filmes, de maneira intuitiva e prática.

Na União Soviética, o diretor Sergei Eisenstein desenvolvia um trabalho baseado em complexas teorias de montagens dramáticas; não cabia mais um pianista improvisar. Passou a encomendar trilhas originais para seus filmes, com compositores já consagrados como Prokofiev e Shostakovich, com a presença de uma orquestra inteira em cada sessão! Esta genial ideia conquistou o meio intelectual da Europa, indo para os Estados Unidos dez anos mais tarde quando foram usadas músicas de Chopin, Schumann, Tchaikovsky e Johan Strauss Jr.

Agrandeguinao deu como filme Fantasia, de Walt Disney, em 1939, que mostrava a imensa capacidade significativa da música, fazendo a imagem ficar subordinada a ela, em obras de Bach, Schubert, Paul Dukas, Mussorgsky, Tchaikovsky, Stravinsky e Ponchielli. Foi um verdadeiro divisor de águas, por ser o primeiro filme com som estereofônico, fazendo com que os diretores começassem a repensar a música como elemento primordial.

Durante os vinte anos seguintes, quase todas as produções utilizaram compositores de formação erudita, sendo a grande maioria europeus.

O cinema passou a explorar a música e os músicos a explorar o cinema. Sabiam construir obras com a tradição de música sinfônica, trazendo um elemento de peso aos filmes e sem dúvida construir climas inimagináveis em filmes. Duas artes inseparáveis!